

PREÂMBULO

A REAL OPÇÃO

A real opção existencial é a de servirmos à sociedade, ao próximo, com altruísmo, doação, apostolado, postulados de abnegação. Não se serve ao mundo, mediante expectativas ou o exercício da gratificação imediata de posses, do prazer orgânico-objetual, do desfrute sensorial-fisiológico, do gozo gerado no curto prazo. Há toda uma emulação benéfica, construtiva, enaltecadora, quando se trabalha em prol do bem comum e da promoção humana.

O “experimental”, o “praticar” mundanos, argumentos similares de que é para “elevar-se, aprendendo” é cinismo, é mera máscara para encobrir instintos de permissividade, quando não de animalidade explícita. Na relação afetiva, devemos exaltar: me relaciono, me apresento como santuário, me constituo, me construo no outro e assim nos honramos mutuamente, através de um diálogo permanente, fecundo, transcendente, de interpenetração no tempo, em todos os espaços corporais, álmicos.

Somos, por demais, divinos, valiosos para sermos meros objetos de prazer, de fugaz fruição, quais utensílios descartáveis, de vulgar usufruto, utilização. O que saneará, descontaminará nossos vasos sagrados, o corpo em sua gloriosa essência, ante os tóxicos da lubricidade, da intemperança?! Como nos apresentar à chegada do amado, se gastamos o azeite pelas estradas, o incenso dilapidado alhures?!

A verdadeira imantação, irmanação a dois é a que busca, antes de tudo, a interpenetração do olhar, o atravessar todo o canal da pupila, a nos enxergar, a nos fazer enxergar a alma (Mt 6,22); a vibração do falar, a atravessar o tímpano, a localizar-se na profundidade do ser (Pv 16,24); a comunhão dos lábios em sinceridade (Pv 24).

(Como esquecer que)há, em todo percurso, uma alma, à espera, a ser consagrada; uma conexão com o belo, o invisível, o inviolado que subjaz na pessoa amada; a ressurreição do silêncio, indizível encanto; o reencontro do lar, do cosmos, no mais interno do ser...

Dr.Pohl: registros de um austríaco entre nossa gente

Não são poucos os relatos de pesquisadores europeus que passaram pelo Brasil, traçando observações e descrições pungentes da terra tropical. O médico, mineralogista e botânico Johnn Baptist Emanuel Pohl é um exemplo dessas personalidades. Cientista da Missão Austríaca, ele desembarcou neste ponto da América do Sul em 1817 e, em suas andanças, passou por três comunidades que, mais tarde, se tornariam municípios no Campo das Vertentes.

Pág. 04

As polêmicas – e facetas! – de Emílio de Meneses

Um homem, vários codinomes. Tão variados quanto seus trocadilhos e os alvos de seu sarcasmo mordaz eram os perfis adotados por Emílio de Meneses para assinar suas publicações. Contam, aliás, que fez piada com a chegada da própria morte, aos 52 anos. Confira a biografia e algumas de suas anedotas.



Pág. 10

Farri... o quê?

Já ouviu falar no “Farricoco”? A personagem, costumaz em procissões religiosas de séculos passados, voltou a aparecer em cortejos são-joanenses no ano de 2018. Com um artigo de Ulisses Passarelli, reconta suas origens, sua função e em que locais (raros) ainda pode ser encontrado.

Pág. 16

ADIVINHAS

- 1-Por que a loira jogou o computador no mar?
 2-O Rio Amazonas está em qual estado?
 3-O que o 4 disse pro 40?

Respostas: 1- Porque ela queria navegar na Internet; 2- Líquido; 3- Passa a bola.

Provérbios e Adágios

- Por honra ao santo, beija-se a imagem
- Somente na hora da tempestade é que se reza a Santa Bárbara
- Onde se come, ficam migalhas
- A filha da onça tem pintas como a mãe
- Morta a cobra, morto o veneno



Para refletir

- Quando tolos e loucos governam, brotam e vicejam as sátiras. *(Benedykt Herzs)*
- A vida vai, mas vem vindo... *(Guimarães Rosa)*
- Quem não se recorda de sua história está condenado a repeti-la. *(Santanayana)*
- Você pode sonhar, criar e construir o lugar mais maravilhoso do mundo, mas é preciso pessoas para tornar o sonho uma realidade. *(Walt Disney)*

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira e Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Leticia Stefany dos Santos Santiago

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago

AO PÉ DA FOGUEIRA A PENDÊNCIA

Os dois vizinhos iniciaram uma pendência, uma quizila pela posse de um imóvel rural. Aliás um pedaço de terra que atravessava o outro lado do rio e que o confrontante, marotamente, na surdina, se apropriara. Era uma gleba isolada, de difícil acesso, principalmente depois que o rio afundara – culpa de uma draga instalada a jusante, sugando toda areia possível e impossível - formando uma barranca incomum. Um tinha a escritura de compra e venda, tudo legalizado; o outro adentrara e ocupara o terreno, já há algum tempo, fazendo-se de bobo, lá soltando animais, até plantando algumas árvores. O sitiante, que se julgava lesado, tenta negociar. Inutilmente. Procura, pois, vários advogados que afirmam que ele tinha razão, pois tinha escritura, o outro era um invasor, que o plantio de árvores não era comprovação de posse etc. Decide procurar mais um intérprete da lei. Este diz: - Você está errado, deu bobeira. O outro está lá há tempos, tem usucapião, tanto que lá solta gado, plantou arvoredo... Por isso, não pego sua causa.

- Então é o senhor quem quero. Eu sou o posseiro, o homem do gado solto e das árvores plantadas...



O EMPRÉSTIMO

Passando pelo shopping, agradei-me de um par de sapatos, exposto na vitrine de uma das lojas. Preço do sapato – R\$ 50,00. Não tendo dinheiro para a compra, fui em casa, onde tomei emprestados R\$ 25,00 de meu pai e R\$ 25,00 de minha mãe.

Retornando à loja, após muita pechincha, adquirei a mercadoria por R\$ 45,00, economizando, portanto, R\$ 5,00. No caminho de volta, encontrei-me casualmente com um velho amigo, antigo vizinho, que pediu-me emprestados R\$ 3,00. Dessa forma, cheguei em casa com apenas R\$ 2,00, os quais entreguei R\$ 1,00 a meu pai e R\$ 1,00 a minha mãe. Fiquei, então, devendo R\$ 24,00 a meu pai e R\$ 24,00 a minha mãe. Ora, R\$ 24,00 que devia a meu pai e R\$ 24,00 devidos a minha mãe, perfazem R\$ 48,00. Com os R\$ 3,00 em poder de meu amigo são R\$ 51,00, ou seja ficou sobrando/rendendo R\$ 1,00. Como explicar isso? Vocês poderiam me ajudar?

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:





PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E QUALIDADE DE VIDA

É mais do que tempo para que Poder Público e sociedade – ai inclusas empresas e corporações – entendam que os conceitos de responsabilidade social, sustentabilidade ambiental são para serem aplicados, se transformem em ações concretas, atitudes consistentes – não apenas utilizados de forma falaciosa e conversa fiada típicas de nossos governantes.

Aspectos econômicos, sociais, ambientais, culturais, tem de ser – e estar – equilibrados, mediante a sensibilização e conscientização de todos. Afinal, trata-se de questão de sobrevivência civilizatória e planetária! Os bens naturais e materiais deles derivados são patrimônio inalienável da coletividade e se não preservados, corre a crescente possibilidade de seu esgotamento.

As empresas cabe especial papel, agregando à sua missão, visão, estratégias, políticas internas e negócios, a participação e engajamento de seus colaboradores – notadamente via educação ambiental – em propostas conjuntas na gestão de resíduos (coleta seletiva), campanhas de economia de material, água, energia etc.

Os recursos naturais são finitos, exigindo iniciativas e atitudes práticas como o reflorestamento, o combate ao desmatamento criminoso, a conservação de mananciais. Os alertas estão aí, há tempos. Estiagens, redução e extinção de mananciais hídricos, mudanças climáticas, recentemente tornados e tempestades assoladores. A imprensa vem denunciando a situação dramática de centenas de cidades mineiras – inclusive, próximas a nós, como Pará de Minas, Pompeu – comprometidas com a carência de água para abastecimento urbano. Pesquisas internacionais, por sua vez, promovidas pela OMS, apontam que, em cada 10 habitantes, 9 respiram ar de má qualidade.

São visíveis e desastrosas as ações humanas – ocupação desordenada da terra, destruição da cobertura florestal, aterramento de nascentes. Nossos governantes, salvo raríssimas exceções, não têm a mínima preocupação em ações preventivas e proativas – campanhas educativas permanentes e de esclarecimento sobre meio ambiente, a preservação do patrimônio ambiental e equilíbrio de ecossistemas. Poucos, quase nenhum investimento(s) em conservação e recuperação de nascentes, tratamento de efluentes, coleta de lixo que contaminam os mananciais, o definhamento de bacias hidrográficas, cujos frutos malignos são a degradação ambiental e o secamento de mananciais. É o chamado fenômeno da antropização. O homem ocupa o espaço que era das plantas, o solo fica descoberto e quando chove, a camada de solo é carregada pelas enxurradas, causando o entupimento das nascentes e o assoreamento de rios. Queimadas, o pisoteio de gado, erosões não controladas, assim o homem contribui para sua própria aniquilação.

Na área urbana, intervenções geomorfológicas incorretas - implantação de asfaltos, calçamentos rígidos impedindo a infiltração de água pluvial no solo; alterações na geometria dos cursos d'água, da rugosidade e declividade de leitos de ruas e córregos provocam, igualmente, erosão, assoreamentos. Toda construção de rua, loteamentos devem levar em conta o escoamento das águas da chuva, sua velocidade, os riscos de sobrecarga de bueiros, nascentes e mesmo bacias hidrográficas. Câmara Municipal e Prefeitura, no tocante aos processos de urbanização (ruas, loteamentos) tem que disponibilizar/contar com uma legislação prática de uso e ocupação de solo, com medidas imprescindíveis de drenagem, permeabilização do solo, preservação de mananciais d'água.

ALGUMAS MEDIDAS QUE PODEM/ DEVEM SER EXECUTADAS OBRIGATORIAMENTE POR AUTORIDADES E CIDADÃOS

- Coleta seletiva – papel, descarte de lâmpadas, metais, eletrônicos;
- O não desmatamento;
- Arborização urbana e rural ;
- Recuperação de nascentes (em ST, a “água velha”, as antigas fontes e chafarizes urbanos etc.);
- Levantamento e proteção às nascentes urbanas (obrigação do Poder Público);
- Campanhas educativas nas escolas, empresas e junto à população em geral;
- O enquadramento legal-ambiental de loteadores e imobiliárias (reserva legal, áreas para praças, ruas largas etc. E sempre mediante audiências públicas para se ouvir o maior interessado, que é a população. Se, prefeitos e vereadores não tiverem forças para resistir à ganância de investidores, basta chamar o Ministério Público. Que os absurdos, até então verificados, não mais se repitam).

Todos, enfim, temos o dever de proteger os campos e mananciais contra a erosão, evitando que as florestas sejam devastadas pelo fogo, machado ou motosserra; que as fontes sequem; que a vitalidade e a vida feneçam, afetando-nos a todos. Somos legatários, herdeiros do solo sagrado, cabendo-nos preservar a fertilidade e a sustentabilidade, de geração a geração.

Nossa invigilância, nossa omissão podem levar solo e campos abundantes à esterilidade, à miséria das populações que deles dependem.



O CIENTISTA JOHANN EMANUEL POHL E SEU ROTEIRO POR NOSSA REGIÃO (1818)

O médico, mineralogista e botânico Johnn Baptist Emanuel Pohl, renomado cientista da Missão Austríaca, veio ao nosso país, acompanhando a comitiva da Arquiduquesa Leopoldina, depois Imperatriz do Brasil, em função de seu casamento com o Príncipe D. Pedro, permanecendo, entre nós, de 1817 a 1821.

Percorreu o Dr. Pohl, durante sua estada brasileira, as Capitânicas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás, anotando tudo que via e ouvia, quer em sua área de pesquisa científica, quer costumes e festas populares, trajas, tipos de doenças, topografia, aspectos econômicos e sociais. Em suma, um observador arguto, meticoloso, ávido por descobertas e novidades, revelando elevada cultura, refinamento e até mesmo humor em seus apreciados escritos. Homem de espírito aventureiro, dotado de extraordinária resistência física, optou viajar por estradas e rotas menos conhecidas e incomuns de nosso território. Dele recebemos - ao lado de suas investigações geobotânicas e mineralógicas - valiosos apontamentos sobre a etnografia, processos de ocupação de nosso território, clima etc.

Dados biográficos - O Dr. Pohl nasceu no dia 22/02/1782 na cidade de Kamnitz, na Boêmia (hoje República Tcheca), formando-se em Medicina pela Universidade de Praga, onde também se especializou em Botânica, exercendo as funções de professor desta ciência na própria Universidade. Em suas arrojadas expedições no Brasil, coligiu considerável material mineralógico e mais de 40.000 espécies de plantas, das quais 5.000 eram espécies recém descobertas, tesouro científico por ele levado para Viena em 1821, reunido(s) no Real Museu Brasileiro da capital austríaca. Suas anotações e relatos foram publicadas sob o título "Viagem ao Interior do Brasil"⁽¹⁾. Deixou ainda outra obra de botânica "Plantarum Brasiliae ícones et descriptiones hactenus ineditae", além de mapas das regiões por ele percorridas.

Sobre o seu périplo pelo Brasil, escreveu: "Receba o público este trabalho com benevolência e aprovação, não peço maior recom-

pensa ao meu empenho. Se esta viagem, para mim sempre memorável com seus incômodos e fadigas, com suas cansaças e provações, que aumentavam meus caros desejos; se a minha honesta vontade de contribuir, na medida de minhas forças, para aumentar os conhecimentos dos domínios da geognosia e das ciências naturais forem apreciadas na proposição de seu entusiasmo e sinceridade, estará agradavelmente atingido o alvo que tive na mira".

Pohl, como tantos outros viajantes que, no passado, estoicamente, adentraram os nossos sertões, tinham como espírito filosófico e crença de que suas pesquisas e observações levariam ao progresso da ciência e da civilização. Sentiam-se como missionários do progresso, irmãos mais velhos de povos ditos selvagens ou menos civilizados, como o Brasil, tudo fazendo e até se mortificando em prol do bem da humanidade.

Tinham eles, ademais, uma visão utilitarista de suas descobertas, apontando as vantagens econômicas das produções naturais, se exploradas de forma racional. Exibem em seus relatos e páginas, uma natureza opulenta, territórios vastos, porém subaproveitados, populações de boa índole, vivendo, todavia, precariamente, em meio à penúria, ao abandono, ociosidade e até mesmo marginalidade.



Mapa das viagens de Johann Natterer e Johann Baptist Emanuel Pohl, c. 1832-36

AS MINAS GERAIS NO TEMPO DO DR. POHL

A Província das Minas percorrida, à época, pelo Dr. Pohl, era pobre, atrasada; habitada principalmente por mulatos e negros, infensos ao trabalho, como ele pôde observar, apenas a título de exemplo, no Arraial de Oliveira; vilas e arraiais com visíveis sinais de decadência, pobreza e ociosidade, onde o ouro, outrora, gerara grandes riquezas e magnificências. “O ócio é a máxima felicidade dessa gente”, sentencia o cientista.

O Dr. Pohl viajou, como era comum naquele tempo, em comitiva formada por muares, sob os cuidados de um tocador, auxiliado por negros a pé. A comida em precárias estalagens, à base – e às vezes, nem isso – de feijão preto com toucinho ou carne seca ao vento, mexidos com farinha de mandioca ou de milho e, em casos especialíssimos, galinha com arroz. O açúcar, embora abundante, era o mascavo (não refinado). Desconhecia-se o fabrico da manteiga e até mesmo do queijo.

Os moradores, geralmente, mal vestidos. Escravos andavam descalços, seminus ou com algum molambo sobre o tronco, calças grosseiras de riscado. Os donos dos engenhos e fazendas, em suas lides, igualmente descalços, calças de tecido de algodão, camisas lanhadas, chapéu de palha, um rosário pendente do pescoço. Em dias festivos, chapéu de feltro negro, calças brancas curtas, botas compridas presas por correias abaixo do joelho, jaqueta de chita colorida por cima do colete branco.

O traje feminino compunha-se de vestido de montar, pano azul ou verde, com canhões cor de rosa nas mangas; por baixo, longo e largo vestido branco, de modo a se montar à maneira masculina. As mulheres abrigavam a cabeça com um lenço sobre o qual encarapitavam um chapéu de homem, geralmente redondo, preto. Ao pescoço, escapulários, rosários. Tanto homens como mulheres não dispensavam um guarda sol, costume que o Dr. Pohl observou com frequência na região da Mantiqueira.

Quando a família se deslocava em caravana - assim anotou o naturalista - o casal, a cavalo, ia à frente, seguido(s) pelo cortejo de

parentes e, por fim, mulatos e negros a pé, em fila indiana. O autor elogia, sobremaneira, a cortesia, a amenidade de grande parte das pessoas e famílias brancas que pôde conhecer, no decorrer de sua árdua viagem. Ressalta, com gratidão, a extrema benevolência, hospitalidade e total conforto com que foi recebido na casa do juiz do arraial de Patrocínio.

As pessoas abastadas tinham alimentação substanciosa, variada, à base de arroz, toucinho, carne de vaca fresca ou seca ao vento, mandioca, batata doce, hortaliças, linguiça, frutas, doces, bacalhau. A dos pobres resumia-se a feijão preto, farinha de milho, algum peixe seco.

Lazer e passatempos eram poucos: geralmente jogos de cartas, alguns de azar como o “whist”, jogado a muito dinheiro; a música de sofrível qualidade, mesmo as religiosas, inclusive o canto; dentre as danças, o fandango ou fado; teatro por ele presenciado em Vila Rica, cidade à qual faz referências quanto à licenciosidade de moradores (para os padrões da época).

Inexistiam médicos ou farmacêuticos, na maioria das localidades. Os medicamentos prescritos e usados eram jalapa, ipeca, rui-barbo, quina, ópio, cânfora, mercúrio. O cientista relata, por outro lado, sobre o considerável número de sacerdotes – numerosos por toda a Província – possuidores de bens de raiz e que se dedicavam, prioritariamente, às suas atividades econômicas. Circunstância essa relatada por praticamente todos os viajantes que adentraram o território pátrio.

Sobre os escravos, observou que sua condição no Brasil, exceções à parte, eram eles melhores tratados que os (escravos) da América do Norte. Espantou-se com o fato de que negros forros, se tinham escravos, os tratavam da maneira mais impiedosa. Piores ainda eram os mulatos forros, com a presunção de terem sangue branco (eram, em sua maioria, filhos de senhores), ao tratarem os infelizes servos que, acaso, tivessem ou que lhe caíssem nas mãos. Dai o célebre ditado: “A pior cunha é a tirada do próprio pau”.

O ROTEIRO DO DR. POHL POR NOSSA REGIÃO

A comitiva do Dr. Pohl saiu do Rio de Janeiro em 06/09/1818, chegando a Barbacena em 03/10, onde permanece por oito dias “pois fui obrigado a esperar pela fabricação de minhas caixas”. Saindo de Barbacena em 11/10, “já no dia 15/10, avistamos, pela primeira vez, ao noroeste, sobre terras montanhosas de parca vegetação, a cumeeira da Serra de São José e, sucessivamente, as lavras de ouro nela abertas, cuja cor vermelho-escura rebrilhava ao longe. Tínhamos ainda de subir uma serra e, aos nossos pés, estendia-se, ao longo de uma parede de xisto argiloso, a cidade de São João Del Rei (...) entre as mais limpas e alegres que já encontrei no Brasil” (pág. 86).

Sobre São João Del Rei, o cientista faz considerações elogiosas ao seu clima, paisagem, igrejas, edifícios, pontes, comércio, à Santa Casa de Misericórdia (“o hospital público merece elogios”, diz). Informa que o número de habitantes é de 7.000, formando os brancos a quarta parte. Discorre sobre as lavras de ouro, o custo de vida e preços dos gêneros alimentícios (“bastante módicos”), sobre a “lavoura, cujos produtos são o açúcar, o café, o algodão, o milho, a mandioca e um pouco de trigo e principalmente a criação

de porcos” (pág. 87) Teve como cicerone em sua estadia na cidade o juiz de fora, sr. José Bernardo de Figueiredo, de quem o Dr. Pohl se faz muito grato.

Estarreceu-se, porém, o viajante com o patíbulo que vislumbrava da janela da hospedaria. “Deram-me um quarto limpo, pintado, com cama, mesa e cadeiras, como há muito, eu não encontrava no Brasil (...). Descobri, com horror, num alto, apenas a 16 passos de mim, enfiados numa vara, em torno da qual adejavam milhares de moscas, a cabeça e as mãos de um negro. Pouco antes, esse infeliz matara o seu tirano, dono da estalagem. Fugira, fora preso e executado em Vila Rica; mas a mão e a cabeça haviam sido trazidas para aqui, a fim de ser expostas, como exemplo, no local do crime”. Viu-se ainda o viajante assediado aberta e impudentemente por mulheres da “classe baixa” e por tentativas de furto. Fala de suas andanças pela cidade (bairros do Tejuco, Matozinhos), à vila de São José (Tiradentes), fazendo enaltecedoras referências à Igreja de Santo Antonio, além de observações sobre as lavras de ouro paralisadas “por falta de braços e de água” (pág. 88).

No dia 21/10, ao meio dia, deixa São João Del Rei, saindo “...pela

pequena e agradável localidade de Matozinhos” (pág. 89). Segue um caminho “... extremamente monótono e aborrecido, passando por muitas lavras de ouro (...). No solo granítico por que passava, atravessado por abundante quartzo, nem o mais favorável clima, nem as chuvas mais propícias conseguem produzir uma vegetação viçosa. A região que deparamos era erma e descalvada (...). Foram nossa companhia, morros, vales estéreis e cavalos até o Arraial de Santa Rita, onde pernoitamos num rancho” (pág. 89)⁽²⁾.

Santa Rita (hoje Ritópolis) - “Esta localidade fica numa eminência escavada, de onde se avistam extensos campos e consta de uns vinte casebres de barro, sem janelas, que recebem luz e ar apenas pelas portas (...). As ervas desse campo, para serem removidas e para fertilizar o solo com carbono e extirpar a multidão de insetos nocivos, são queimadas anualmente, pouco antes de começar a estação chuvosa. Isso acontecia justamente quando ali chegávamos e assistimos, com espanto, a surpreendente visão da torrente de fogo ondulando sobre a planície sem fim”.

“O dia 22 de outubro apareceu sob denso nevoeiro (...). Pouco depois de deixarmos o Arraial de Santa Rita, atravessamos um pântano, na extensa propriedade do Capitão Rocha, onde caiu um de nossos burros de carga e foi mortalmente ferido por um galho de árvore que lhe penetrou o peito (...). Exaustos com os empecilhos deste caminho, não pudemos mais atingir o Rio do Peixe, tendo de fazer alto uma légua antes, numa pequena fazenda (...). Preferimos pernoitar aqui, para, no dia seguinte, enfrentar as dificuldades com renovado vigor”.

“Ao romper o dia 23, reencetamos a viagem. Até o Rio do Peixe, a região de serras desnudas parecia morta. Nenhum ser vivo encontramos. Quando muito, escutávamos os gritos da seriema (*dicholophus cristatus*) e o pio de alguma perdiz isolada (*tiranus rufescens*), habitantes dos silentes e ermos campos que cruzávamos. Afinal, alcançamos as margens daquele rio⁽³⁾. São cobertas de matas, em alguns trechos devastados e em outros plantados com milho e feijão. Depois de o atravessarmos, passamos por duas grandes fazendas, uma das quais é inteiramente cercada de hornblenda⁽⁴⁾ e depois chegamos ao Arraial de São João Batista. Até que havíamos percorrido cinco léguas e tínhamos razão de estar satisfeitos, pois se costuma calcular um dia de viagem com bestas de carga em apenas 3½ léguas (...). São João Batista é um lugarejo com apenas duas fileiras de casebres de barro, uma igreja e dois ranchos” (págs. 89/90)

“Em 24 de outubro, o nosso caminho nos conduziu, todo o tempo, através da propriedade de um certo Padre João Bernardo, um dos mais ricos fazendeiros da região (...). O nosso pouso na Fazenda Furtado, pertencente ao mesmo padre, era limpo, mas extremamente precário (...). A nossa partida em 25 de outubro teve de ser adiada até ao meio dia, porque um de nossos burros, que se ferira, ao cair antes de Santa Rita, ficara morto no campo e por nenhum preço nos foi possível substituí-lo por outro. Alternando rogos e ameaças, consegui, pagando caro, alugar um miserável cavalo até Oliveira”, onde a comitiva chegou, após enfrentar fortes tempestades e enchentes.

“O Arraial de Oliveira consta de uns 200 casebres de barro, que formam uma única rua larga, inteiramente esburacada pelas chuvas e fica sobre uma colina, cujo topo é coroado por uma igreja ainda inacabada. O portão, o púlpito e o altar são formados de um talco endurecido verde maçã, que parece ocorrer a umas duas léguas e meia ao oeste” (pág. 90) “A flora dos arredores é escassa. Os moradores do lugar, mulatos e negros, pareceram-me espíritos curiosos, mas limitados. Em toda parte só se via necessidade e pobreza; me vi cercado por eles o dia inteiro; preferiam o doce far niente a se dedicarem ao trabalho, ao qual só era possível movê-los em caso de necessidade, a troco de muita súplica e bast-ante dinheiro” (págs. 90/91)

Estende-se ainda o cientista em considerações sobre mendigos e espertalhões por ele encontrados em Oliveira (bem como em outras localidades, aliás assunto regamente tratados por outros viajantes estrangeiros do passado) Saiu daquele Arraial, dia 29/10, seguindo viagem, via São Francisco de Paula, Camacho, Formiga (arraial este paupérrimo, com umas cem cafuas, habitado principalmente por mulatos e negros que ali viviam da criação de porcos) etc. rumo a Paracatu do Príncipe (compunha-se de 700 casas, térreas em sua maioria, de madeira e barro, cobertas de telhas; população de negros e pardos, dedicados alguns à criação e comércio a varejo, mas a maioria, indolentes, avessos à prática de ofícios, como soi ocorrer em outras partes da província) e dali, conforme seus relatos, a Goiás Velho, Anicus, Mossâmedes, Arraial dos Pilões etc. Viajaria ele, ademais, por outras partes da Província de Goiás (hoje incluso o Estado de Tocantins) até o Rio Maranhão. No retorno, passaria por Galena do Abaeté, Vila do Fanado, Rio Jequitinhonha, Vila Rica (então capital da Província – contava com cerca de 1.600 casas de pedras e assobradadas, cenário de que o autor não gostou, julgando-o “triste”)⁽³⁾ e daí ao Rio de Janeiro, onde chegaria debilitado, em inícios de Fevereiro de 1821. Dali o Dr. Pohl seguiu para a Europa, dando por concluída a missão de que fora encarregado pelo Imperador Francisco I da Áustria.



Roteiro do Dr. Pohl no Brasil em 1817-1821

WWW.OLDMAPSONLINE.ORG/DIVULGAÇÃO



NOTAS

(1) Usamos, para nossos comentários, exemplar edição da Editora da Universidade de São Paulo/Livraria Itatiaia, 1976.

(2) Segundo o pesquisador Frederico Santos Soares de Freitas, através de slashes (painéis), a região do Rio das Mortes, entre 1781-1810, em torno de São João Del-Rei e São José Del-Rei, seus centros mais populosos, apresentava menor densidade de agricultura, dada a vocação natural e expansão para o gado (área de campos naturais) e ainda as técnicas de queima que implicavam em menos áreas florestadas para a agricultura. Entre 1811-1840, informa o autor, a distribuição espacial das atividades agrícolas registraria densidade geral ainda mais baixa, como reflexo da crise e seca, que ocorreram durante esses anos, gerando desolação geral. “Em 1818 (...) viajando de São João a Santa Rita, Pohl representava uma paisagem estéril, com vastos campos sem árvores, que ardiam no momento devido ao “costume local de usar o fogo para remover insetos e renovar o campo” (In “Fronteiras: Sociedade Tecnológica e Meio Ambiente” Revista de Mestrado Multiplicar – Anápolis, GO, vol.2, n.2, junho/dezembro 2013, p. 61).

(3) O cientista contorna, passa ao largo do então Arraial de São Tiago, optando pelo trecho ou variante que, vindo de Santa Rita (Ritápolis), atravessava terras da Fazenda Mato Dentro e outras, acompanhando/margeando o Rio do Peixe a montante (nascentes), atravessando as fazendas do Pombal, Rio do Peixe, cruzando, posteriormente, o rio na altura (em terras) da Fazenda da Galga (Micaela), confluências com a estrada que vinha da Lage (Resende Costa), daí seguindo para São João Batista (Morro do Ferro), Oliveira, Formiga, Paracatu, Goiás etc.

“No centro do arraial (Lage) cruzavam duas estradas: uma, do norte ao sul da Província; outra, do Rio a Goiás” (José Augusto de Rezende – “Pálidas reminiscências da antiga Lage, hoje Vila de Resende Costa”, R. Costa, AMIRCO, 2010, pag. 30).

Toda esta nossa região era atravessada por vários caminhos e intersecções, e que se entrecruzavam, permitindo inúmeras opções aos viajantes, comboios, tropas e boiadas em ininterrupto trânsito pelo interior da Província ou rumo aos sertões e litoral. Esclareça-se que o Rio do Peixe era muito caudaloso, então, à época das chuvas, sendo que uma de suas passagens muito utilizadas pelos viajantes era no lugar “Vau”, próximo à fazenda da Galga (Micaela), município de Resende Costa, em divisas com São Tiago.

Pohl faz referência genérica a duas grandes fazendas por ele vistas/atravessadas no trecho entre Santa Rita e Rio do Peixe. Várias fazendas de porte, à sua época, como as do Pombal, Rio do Peixe, Galga, Gajé, encontravam-se em seu itinerário – quase todas situadas às margens do Rio do Peixe.

O historiador Ariosto da Silveira em sua obra “Ao Longo da Trilha – Lembranças da infância de Minas” (Belo Horizonte, Ed. Autor, 2004) sugere, com base em textos de Helena Teixeira Martins e Canabrava Barreiros, que o caminho alternativo que passava por nossa região, mais conhecido por “Caminho de Cima” (ou ainda “Estrada Salineira ou Boiadeira”) seria uma variante ou intersecção da Picada de Goiás e Estrada Real, na rota São João Del Rei/Vila Rica.

Explicita Ariosto da Silveira: “Ou que os dois caminhos seriam coincidentes nessa etapa, prevalecendo o nome do mais antigo. Estrada Real serviria, então, para designar, ao mesmo tempo, a Picada de Goiás e o Caminho de Cima. De fato, são relacionadas (por Helena Teixeira Martins) outras fazendas situadas no atual município de Ritápolis, que, também, não ficavam distantes da Estrada Real, no trecho de São João Del Rei para a Picada de Goiás. A partir do Rio do Peixe é que foram concedidas, a partir de 1737, as primeiras sesmarias aos abridores da picada” (op. cit. Págs 93/94).

(4) Em Cachoeira do Campo, o Dr. Pohl encontrou um compatriota tcheco, já octogenário, natural da cidade de Lowsitz, antigo soldado por quarenta anos da milícia mineira, reformado como sargento. Era pessoa considerada no lugar por ser o único que sabia fabricar manteiga, alimento praticamente desconhecido no interior.

Outro morador local, também visitado pelo Dr. Pohl, tinha extenso e bem cuidado pomar com variedades inexistentes ou não usuais no País: macieiras, pessegueiros, romãzeiras, videiras, ervas medicinais etc. Era visto como “esquisitão”, “excêntrico” pelos moradores ociosos. “De um homem tão laborioso, diziam abertamente que era um esquisitão, por se tratar de rara exceção à sua habitual vida de indolência”, comenta o cientista – pág. 406).

Sobre o Dr. Johann Emanuel Pohl, ver matéria em nosso boletim nº LI, Dezembro/2011

História da



Oficialmente fundada em 15 de Outubro de 1945 pela família Guimarães, a Cia Estanho Minas Brasil – MIBRA, sucedida pela CIF Mineração S/A, tinha como objetivo a exploração industrial de jazidas minerais, a metalurgia e o comércio desses produtos. As explorações eram executadas de forma semimecanizada, vindo a ser modernizados anos depois com a instalação de moinhos e planta de separação magnética.

Em 1978, a vida útil da mineração era estimada em 3 anos, quando os proprietários decidiram vender 70% para o Grupo Metallurg que começaram pesquisas de novos corpos dentro da área de mineração, bem como, iniciou-se trabalho para recuperação ambiental das áreas até então degradadas.

Em 1983, a CIF – Cia. Industrial Fluminense, sucedida pela LSM Brasil, adquiriu os 30% restantes da MIBRA e como representante do Grupo Metallurg, que já a havia adquirido em 1979, passou a administrar a Mibra com outra metodologia de trabalho, buscando sempre o aumento de produtividade, através de reengenharia dos processos.

No ano de 1993 a Cia. de Estanho Minas Brasil – Mibra, foi incorporada à Cia Industrial Fluminense – CIF, tornando-se CIF – Filial Volta Grande, mas continuou sendo chamada pelo carinhoso nome de MIBRA.

A partir de 1996, a MIBRA entrou em um período de pesquisas e desenvolvimento de produtos e processos e também investimen-

tos como instalações das Espirais, reaproveitamento de rejeito como minérios industriais, melhoria na recuperação do tântalo, consolidando com o aumento da capacidade da planta para 25.000 ton./mês de pegmatito, no ano de 2000.

Nesse mesmo período iniciaram-se estudos para desenvolver o Projeto denominado MIX Cerâmicos, a partir da utilização de rejeitos do processo de beneficiamento, onde 90% do material poderia ser comercializado como Feldspato, matéria prima para indústrias cerâmicas e vidros.

A produção do Feldspato começou em 2003 na sua forma in natura, deixando de ser um problema ambiental para se tornar um dos produtos mais rentáveis da Cia. Em pouco tempo a produção de Feldspato passou de 1000 para as atuais 12000 toneladas por mês, se tornando referência no mercado nacional, abastecendo 80% das indústrias cerâmicas.

No ano de 2009, a empresa concluiu o maior projeto de sua história, que é a expansão de sua capacidade, passando para 50.000 ton./mês de pegmatito, se tornando uma importante produtora de tântalo no mundo, além de já ser uma das maiores reservas mundiais em teor.

Esse foi o primeiro passo rumo ao crescimento com sustentabilidade, com a proteção ambiental, segurança e com a responsabilidade social.

FONTE: <http://www.amgmineração.com.br>



1818 - 2018

200 anos de criação do MUSEU NACIONAL

O Museu Nacional, hoje vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro – para tal incorporado em 1946 - é a mais antiga instituição científica do Brasil e o maior museu de história natural e antropológica da América latina. Criado por D. João VI aos 06 de junho de 1818, sediado inicialmente no Campo de Santana, muito serviu para promover o progresso cultural e econômico do País.

Acha-se instalado desde 1892 no Palácio de São Cristóvão, interior da Quinta da Boa Vista. O palácio, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, serviu de residência à família real portuguesa de 1808 a 1821, abrigou a família imperial brasileira de 1822 a 1889 e sediou a primeira assembleia constituinte republicana de 1889 a 1891.

O acervo inicial do Museu reuniu os arquivos da antiga Casa de História Natural, popularmente chamada “Casa dos Pássaros”, criada em 1784 pelo Vice-Rei D. Luis de Vasconcelos e Sousa, além de outras coleções de mineralogia e zoologia. A criação do Museu Nacional objetivava atender os interesses de promoção do progresso sócio-econômico do País através da difusão da educa-

ção, ciência e cultura.

O Museu Nacional abriga um vasto acervo com mais de 20 milhões de itens, englobando alguns dos mais relevantes registros da memória brasileira no campo das ciências naturais e antropológicas, bem como amplos e diversificados conjuntos de itens provenientes das mais diversas regiões do planeta ou produzidos por povos e civilizações antigas. Formado ao longo de mais de dois séculos por meio de coletas, doações, escavações, permutas, aquisições, o acervo é subdividido em coleções de geologia, paleontologia, botânica, zoologia, antropologia biológica, arqueologia e etnologia. Possui ainda uma das maiores bibliotecas especializadas em ciências naturais do Brasil com mais de 470.000 volumes e 2.400 obras raras.

• A Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense homenageou no desfile do carnaval de 2018 os 200 anos do Museu Nacional.



ALGUMAS EFEMÉRIDES:

- **04/01/1808** – 210 anos da criação da 1ª tipografia no Brasil em Salvador (BA)
- **09/01/1858** – 160 anos da criação do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro
- **02/04/1968** – 50 anos de lançamento do filme “2001 – Odisseia no Espaço” do diretor Stanley Kubrick
- **17/04/1498** - Vasco da Gama avista Calicute, na Índia. 520 anos da descoberta do Caminho das Índias.
- **03/05/1908** – 110 anos das comemorações do 1º Dia das Mulheres (Women’s Day) em Chicago, EUA, reunindo 1.500 mulheres no Garrick Theater, reivindicando igualdade econômica e política
- **13/05/1888** – 130 anos da Lei Áurea – Abolição da Escravatura no Brasil
- **26/05/1968** – 50 anos da realização do 1º transplante de coração da América Latina realizado em São Paulo pelo cirurgião Dr. Euryclides de Jesus Zerbinie
- **17/07/1918** – 100 anos do horripilante assassinato da família imperial russa, inclusive de crianças, pelos bolcheviques (comunistas) liderados por Vladimir Lênin, que tomaram o poder naquele País.
- **30/11/1988** – 20 anos de falecimento de Margaret Mee, artista e botânica inglesa, especialista em plantas da Amazônia brasileira

EMILIO DE MENESES



Emilio Nunes Correia de Meneses nasceu em Curitiba, PR aos 04/07/1866 e faleceu no Rio de Janeiro aos 06/06/1918. Jornalista, poeta parnasiano, mestre dos versos satíricos (para o crítico literário Glauco Mattoso, o principal poeta satírico brasileiro após Gregório de Mattos). Filho homônimo de Emilio Nunes Correia de Meneses, também poeta e D^a Maria Emília Correa de Meneses.

Estudou inicialmente com o prof. João Batista Brandão Prouença, depois no Instituto Paranaense. Deixou já na juventude a marca de uma conduta irreverente, destoante do formalismo, seja no vestir, no falar, nos costumes. Trabalhou em farmácia de um cunhado até os 18 anos, mudando-se então para o Rio de Janeiro. Ali encontrou ambiente fértil, destilando sua imaginação satírica e maledicente pela calaçaria dos cafés e botequins. Tornou-se jornalista. Casou-se em 1888 com Maria Carlotta Coruja, filha do afamado educador Comendador Coruja. Casamento que, dado o temperamento boêmio de Emilio de Meneses, duraria menos de um ano.

Trabalhou, a partir de 1890, como escriturário no Departamento da Inspeção Geral de Terras e Colonização. Especulador, fez fortuna fácil à época da falácia econômica do Encilhamento, sendo Rui Barbosa o ministro da Fazenda⁽¹⁾. Terminada a farsa, vai à falência como milhares de outros investidores, inclusive inúmeras instituições financeiras. Continua, porém, a encher os jornais da época com suas percucientes anedotas. Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 15/08/1914 na cadeira n. 20, cujo patrono é Joaquim Manuel de Macedo, não chegando a tomar posse (A cadeira viria a ser ocupada em 1919 pelo escritor maranhense Humberto de Campos).

Considerado o rei dos trocadilhos, rápido no gatilho e usando o sarcasmo em seus versos, como poucos. Utilizava-se de vários pseudônimos em seus escritos mordazes: Neófito, Gaston d'Argy, Gabriel de Anuncio, Cyrano & Cia, Emilio Pronto da Silva, Zangão.

Obras publicadas: *Marcha Fúnebre – Sonetos* (1892); *Poemas da morte* (1901); *Dies Irae – a tragédia de Aquidabã* (1906); *Poesias* (1909); *Ultimas Rimas* (1917); *Mortalhas – Os deuses em ceroulas* (1924); *Obras Reunidas* (1980).

Detinha Emilio de Meneses um exímio domínio da palavra, dos versos e da capacidade de elevar-se a altos sentimentos. Hábitos de glutão, assíduo frequentador de bares e restaurantes da época. Obeso, rosto redondo, longos bigodes, vivia a ironizar a vida e a intelectualidade. Devido a problemas de saúde, agravados pelo excesso de bebida, viria a falecer magro aos 52 anos. Gracejou: “Estou apenas enganando, pregando uma peça aos vermes. Eles esperam mais de cem quilos de banha e eu estou lhes levando ossos duros de roer”.

Poeta consagrado, é autor de refinados sonetos, como “A Romã”, um clássico do parnasianismo brasileiro.

A ROMÃ

Mal se confrange na haste a corola sangrenta
E o punício vigor das pétalas descora
Já no ovário fecundo e entumescido, aumenta
O escrínio em que retém os seus tesouros. Flora!

E ei-la exsurge a romã. Fruta excelsa e opulenta
Que de acesos rubis os lóculos colora
E à casca orbicular, áurea e eritrina ostenta
O ouro do entardecer e o paunásio da aurora!

Fruta heráldica e real, em si, traz a coroa
Que o cálice da flor lhe pôs com o mesmo afago
Com que a Mãe Natureza os seres galardoa!

Porém a forma hostil, de arremesso e de estrago,
Lembra um dardo mortal que o espaço cruza e atroa
Nos prélios ancestrais de Roma e de Cartago!

NOTA

(1) *Encilhamento* – ocorreu durante o governo provisório de Deodoro da Fonseca (1889-1891) e que teria desastrosas consequências para a economia do País. O Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, na tentativa de estimular a industrialização do Brasil, adotou uma política baseada em créditos livres aos investimentos industriais, garantidos por emissões monetárias oficiais. A especulação financeira desenfreada, a inflação e os boicotes através de empresas-fantasma e ações sem lastro desencadearam a chamada “Crise do Encilhamento”. O ato de “encilhar” refere-se às apostas, através de empresas fantasmas, feitas por especuladores que atuavam na Bolsa de Valores. A crise econômica se agravava, gerando o aumento desordenado da inflação e o incontrolável aumento da dívida externa. O novo ministro da Fazenda, Joaquim Murinho, buscou saídas drásticas como a contenção de emissão de moeda e o estímulo ao crescimento industrial do País. O Encilhamento levaria à falência quase todos os bancos brasileiros, vários deles mineiros (assunto que trataremos nas páginas do boletim – tema “A história bancária de Minas Gerais” - em uma próxima edição).



Algumas anedotas envolvendo EMÍLIO DE MENESES

- Passava pela rua uma senhora cheia de joias. Alguém observou:
 - Que beleza de brilhantes leva aquela dama...
 E Emílio, na hora:
 - Podem ser di...amantes

- Emílio está numa festa e uma moça faz uma pergunta, provocando-o:
 - Sr. Emílio, o sr. sabe quais são os encantos da mulher?
 - Sei-os, minha senhora

- Em um de seus prediletos pontos de observação – a mesa de um bar – Emílio bebia com amigos quando vê passar uma pessoa com fama de conquistador, de nome Penha. Os amigos comentaram que Penha estava, no momento, sofrendo os males de um amor não correspondido por uma mulher de duvidosa reputação. O poeta, então, saiu-se com esta:
 - Um homem que se diz Penha, sofrendo por uma mulher que se disputa...

- Ainda estudante, Emílio se aborrecia com os discursos de certo Professor Saboya, na sala de aula. Percebendo seu desinteresse, o mestre lhe pergunta:
 - Senhor Emílio, defina a sabedoria!
 Resposta rápida:
 - A sabedoria, professor, é algo que tem efetivamente muito peso... Se colocada n'água, ela afunda...
 - E a ignorância, então ?
 - A ignorância?! Ora, essa bóia!

• Excesso de fundos

Achava-se o poeta Emílio de Meneses em um bonde, em Curitiba, quando em uma das paradas na Praça Osório, duas senhoras, muito obesas, após adentrarem, com extrema dificuldade o veículo, sentaram-se num dos bancos. O móvel, embora de madeira, de forma estrepitosa, gemeu, rangeu, estalou, sacudindo-se todo, quase não suportando a pesada carga, fato que chamou a atenção geral.

Emílio, observando a hilária situação, leva a mão à boca, disfarçando o riso. Explicou-se para o vizinho do banco ao lado:

- Engraçado, é a primeira vez que vejo um banco quebrar por excesso de fundos...

• Trocadilho com cereais

O poeta e boêmio Emílio de Meneses era conhecido por seus versos irônicos e por isso mesmo temido pelos seus trocadilhos surpreendentes e demolidores. Visitava ele, certa feita, em companhia de amigos, uma exposição de cereais, quando um literato de pequena expressão, ao vê-lo, saudou-o zombeteiramente:

- É milho!

Emílio, após cofiar os vastos bigodes, respondeu-lhe rápido e com igual motejo:

- Você hoje, amigo, está com a veia!

Percebendo que tinha se envolvido com a pessoa errada, o literato tentou escapular do recinto. Emílio interrompeu-lhe os passos:

- Meu amigo, não s'evada!

Dando forte entonação à voz, complementou:

- Com tipos como você é que me in... trigo!

Vendo uma cadeira vazia por perto, pegou-o, a seguir, pelos braços e ombros e comprimindo-o forçosamente para baixo, sobre a cadeira, em meio às caçoadas e chacotas dos presentes, completou:

- Sentei-o!

• Ainda

Olavo Bilac passeava próximo à Cervejaria Brahma, na Avenida Rio Branco, às sete horas da manhã, quando teve a grata surpresa de ver Emilio de Meneses, dispiçentemente sentado no interior do bar, tendo à frente um volumoso copo de chope.

Bilac, aproximando-se de Emilio, disse-lhe em tom brejeiro:

- Mas, então, Emilio, já?!

Ao que Emilio de Meneses respondeu:

- Já, não. Ainda...

• Certa senhora, encontrando-se com Emilio na rua, pôs-se a apalpar a volumosa pança do escritor, fazendo mordaz referência à gordura deste.

- Nossa, como estás gordo, Emilio! O que há por dentro, hein?! Podes me dizer?

Emilio, num gesto rápido, desceu a mão até o barrigão, exclamando, para desconcerto da senhora:

- Até aqui, uísque! Daqui para baixo parati!

• Divergência

Certa vez, Emilio de Meneses encontrou-se na rua com Teixeira Mendes, conhecido pregador da religião positivista, que lhe explicou:

- Vou para o apostolado

Ao que Emilio retrucou:

- Ah, pois eu vou para o lado oposto...

• Um poeta encontrou Emilio em uma confeitaria (nome como eram chamados os bares da época) e lhe disse:

- Ontem, escrevi dois sonetos. Um deles está aqui. Vou lê-lo e gostaria de ouvir as tuas impressões. Amanhã trarei o outro para tua igual apreciação.

Depois de ler, com toda ênfase, o soneto, o poeta fez a pergunta:

- Gostou?! O que você acha?

Emilio, que tinha ouvido com total atenção, disparou:

- Prefiro o outro!

• Finalidade

Não tendo o que fazer, Emilio de Meneses aceitou, certa vez, o convite de um médico da Saúde Pública para acompanhá-lo na fiscalização de indústria de alimentos, naquela oportunidade em uma fábrica de salsichas. À saída disse o poeta:

- Agora sei porque é que as salsichas são cobertas por uma tripa

- Por que é? Perguntou o médico.

- É para a gente não saber o que há lá dentro...

• O poeta Guimarães Passos, tuberculoso, vivia lutando com a doença. Quando publicou o livro "Tratado de Versificação", Emilio não perdoou:

- Desde que eu o conheço, o Guimarães tem "tratado de ver se fica são".

• Teias de aranha

Emilio de Meneses ia, ao final de todos os meses, ao Tesouro para receber o salário do cargo público que exercia. E, ao entrar ali, era sempre abordado por um sujeito, que ali fazia ponto, e que sempre chorando as suas misérias, conseguia arrebanhar-lhe uma cédula de cinco mil réis.

Certa vez, o mordedor exagerou nas suas lamúrias.

- O senhor não imagina, são Emilio, o que tenho passado. Basta dizer-lhe que há quinze dias não como!

- O quê me diz, homem? – espantou-se o poeta.

E para os funcionários do setor de limpeza:

- Tragam aqui espanadores e vassouras. Este camarada com certeza está cheio de teias de aranha no céu da boca!...

CARICATURA DE K. LIXTO/INTERNET/DIVULGAÇÃO



MEMORARE

Antiga e Poderosa prece à VIRGEM MARIA

(escrita em 1.120)

Lembra, ó Virgem Maria, cheia de graça, que nunca se ouviu dizer que alguém que fugisse em busca de tua proteção, que implorasse tua ajuda ou procurasse tua intercessão tenha sido deixado desamparado.

Inspirado por essa confiança, fujo para ti, ó Virgem das virgens, minha Mãe; a ti me dirijo; diante de ti me posto, pecador e pesaroso.

Ó Mãe do Verbo Encarnado, não desconsideres minha súplica, mas em tua misericórdia ouve-me e responde-me.

Amém

Esta oração é atribuída a São Bernardo de Claraval (1090-1153), monge e santo francês, que a teria escrito por volta de 1.120. No século XVII, São Cláudio (1641-1682), também um monge francês, que se dedicara a defender as pessoas falsamente acusadas e presas, disseminou esta oração por toda a Cristandade. O título “Memorare”, quer dizer em latim “Desperta!”, “Lembra!”

Eis a prece em latim antigo: “MEMORARE – Memorare, O piissima Virgo Maria, non esse auditum a saeculo, quemquam ad tua currentem praesidia, tua implorantem auxilia, tua petentem suffragia, esse derelictum. Ego tali animatus confidentia ad te, Virgo Virginum,

Mater, curro, ad te venio, coram te gemens peccator assisto. Noli, Mater Verbi, verba mea despiciere; sed audi propitia et exaudi. Amen”

Trata-se de uma poderosa súplica - para os momentos difíceis, atribulados, - dirigida a Nossa Senhora, a Santa Mãe, sempre amiga, sempre acolhedora, conselheira, protetora dos desvalidos, dos atormentados, “a amiga de quem não tem amigos”, no dizer de São Cláudio.



O MONGE E CRISTO

Contrito, o santo monge dispendeu longos anos em sua cela, forjando uma visão, uma aparição do Cristo. Uma manhã, quando orava, afinal, viu Jesus ao seu lado, caindo então de joelhos aos pés do Mestre, em jubilosa adoração. Nesse mesmo instante, o sino do convento desdobrou-se em significativas badaladas. Era a hora de socorrer doentes e necessitados que acorriam sempre à porta do monastério e justamente naquele momento, o trabalho lhe pertencia.

O clérigo relutou; com esforço extremo, porém, levantou-se e foi cumprir as obrigações que lhe competiam. Serviu pacientemente ao povo ao longo do grande portão do mosteiro, não obstante amargurado por haver interrompido a indefinível contemplação ao Cristo. Retornando, contudo, à cela – após o dever integralmente cumprido – oh! Maravilha! Chorando e rindo de alegria, observou que o Mestre o aguardava no cubículo e ajoelhando-se de novo, no intraduzível êxtase que o possuía, ouviu as palavras bondosas e embevecidas do Cristo:

- Se tivesses permanecido aqui, eu teria fugido!

Compilado de um conto de Longfellow).

“O Senhor deseja gestos, ação. Se vês um doente ao qual podes dar algum alívio, não importa deixar a meditação e cuidar dele” (Santa Tereza de Ávila).

“A partir do momento em que me julgo senhor único da verdade, estou usurpando uma prerrogativa exclusiva da Divindade” (Gandhi).

“Cada gota de silêncio é uma chance para que o fruto venha a amadurecer” (Paul Valery).



- BURTON, Richard Francis. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho (1867). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1976.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.] 930p. il.
- LIMA, Rossini Tavares de. Folclore das Festas Cíclicas. São Paulo: Irmãos Vitale, 1971.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. 2.ed. Folclore Paulista: calendário & documentário. São Paulo: Cortez/Sec.Est.de Cult., 1985. 240p. il.
- Os cronistas viram e disseram. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, n.4, 1986. p.55.

INFORMANTES:

- Aloísio dos Santos (piques nas mangueiras)
- Cláudia Aparecida da Costa (simpatia para casamento)
- Elvira Andrade de Salles (surra nas fruteiras, mastros)
- José Camilo da Silva (mastros)
- Luís Antônio Sacramento Miranda (surra nas fruteiras)
- Luís Santana (festas no Pombal)
- Luthero Castorino da Silva (responsório)



(1) Fogueira em agosto, nem pensar! Faz mal, afirmava Luís Santana. Aliás agosto é mês de São Lourenço, senhor dos ventos, que morreu queimado numa grelha, dia 10 de agosto. No dia dele não se pode queimar pastos nem coivaras nos roçados. É a lógica da cultura popular.

(2) A origem pagã e agrária destas festas é clara e fartamente documentada por iminentes folcloristas, que sobejamente demonstraram os reais valores das festas rurais: Alceu M. Araújo, A. Pellegrini Filho, L.C.Cascudo, R. Tavares de Lima. São de consulta indispensável. Não é plano desta postagem, discorrer sobre o histórico das festas juninas.

(3) Dêniston Diamantino recolheu um excelente documentário de tradições juninas no vídeo "São João na Roça" (Opará Vídeos, Belo Horizonte, 2000), de consulta fundamental como fonte fidedigna de pesquisas.

(4) Aluado: que pertence à lua. Minha informante, Elvira Andrade de Salles me garantia que a lua sugava a energia do fruto, que assim ficava "aluado": crescimento afetado, sem polpa, sem adocicado.

(5) Conceções de um pai de santo de umbanda e uma mãe de santo de candomblé de São João del-Rei. Os pontos foram ouvidos em outros terreiros da cidade, que não os dos informantes, por volta de 2001.

(6) O Repórter, n.312, 02/05/1912

CONTRADANÇAS & QUADRILHAS

Não se sabe bem ao certo, se deduz, praticamente, que uma velha dança camponesa da Inglaterra feudal, então muito em voga, disseminou-se pela Europa, servindo de base para o desenvolvimento de várias outras expressões coreográficas.

Teria sido durante a Guerra dos Cem Anos (séc.XIV e XV) que a França conheceu esta dança, então chamada "country dance" (dança do campo, rural), nome por demais genérico e logo afrancesado para "contradance".

Dançada por duas fileiras, uma de homens, outra de mulheres, frente a frente (vis a vis), em ritmo binário, melodias variáveis, ganhou grande importância na França nos séculos seguintes, bem como noutros países daquele continente, tendo inclusive inspirado obras de alguns compositores clássicos.

A contradance francesa chegou a Portugal plausivelmente, trazida por soldados do período das guerras napoleônicas. Acimatou-se fácil e ganhou grande popularidade com o nome aportuguesado em "contradança". Por sua vez foi trazida ao Brasil pelos colonos portugueses e se estabeleceu em várias regiões ganhando cores locais.

Aqui o contexto mais geral que assumiu foi o de uma suíte de danças, tal como em Matosinhos, o maior bairro de São João del-Rei/MG, quando na Festa do Divino de 1899 apresentou-se com grande sucesso uma contradança, graças aos abnegados esforços do farmacêutico Desidério Rodarte.

Ela se modificou em outras danças ou lhes serviu de base ou modelo, mas em geral manteve o elemento rítmico e a fila dupla. Mas ora particularmente nos interessa os ramos tomados pela contradança na França. Possivelmente no final do século XVIII ou começo do seguinte, uma das suas modificações, dançada por quatro pares, ganhou o nome de "quadrille" (de quatre, quatro em francês). Alcançou enorme sucesso na corte francesa.

A França era um modelo aristocrático para outras cortes e não tardou que esta dança viesse ao mundo português, traduzida em "quadrilha". A princípio manteve o formato original, sem canto, com acompanhamento instrumental, em 6/8 e 2/4, cinco partes com final agalopado e evoluções ordenadas pronunciadas em francês por um mandador (Portugal) ou marcador / marcante (Brasil).

Feita dança palaciana na época da Regência, da corte carioca, dos salões da alta sociedade, muito breve ganhou as camadas populares, difundindo-se profundamente pelo litoral e interior. Uma página magistral a respeito nos dá Câmara Cascudo, que de tão esclarecedora é uma consulta indispensável⁽⁴⁾.

Pelo imenso interior brasileiro a quadrilha ganhou as mais variadas influências de outras danças regionais pré-existentes ou que chegaram depois. O francês da marcação se corrompeu estropiadamente no linguajar sertanejo, ou mesmo cedeu espaço ao português coloquial; velhas marcações foram abandonadas, adaptadas ou substituídas por outras de criação nacional. A quadrilha original então desapareceu do Brasil, perdida no turbilhão das mudanças. A dinâmica imensa do folclore criou suas variantes:

- **Lanceiros:** de influência inglesa era uma modalidade de quadrilha. Existe um registro para o Amazonas⁽⁵⁾, municípios de Manaus e Tefé. Dançavam com uma lança curta na mão, os pares se enfrentando, com entrada pomposa, trajes nas cores verde e amarelo: chapéu de palhinha, jaquetão e calção. Em Minas Gerais também foi conhecida.

- **Solo-ingles:** "espécie de lanceiros, muito dançado na Maioridade e no Segundo Império, na corte e nas províncias. Dançavam-no aos pares, havendo vênias, trocados de lugar e volteios" (Cascudo, op.cit. verbete: Solo-ingles). Desapareceu no fim do século XIX.

- **Baile sífilítico ou sífilito:** versão caricata da quadrilha na Bahia e Goiás, de que não se dispõe de muitas informações.

- **Saruê:** corruptela de "soirée", sarau. Quadrilha registrada no Brasil Central, "misto de figuras das quadrilhas francesa e americana, com passos de danças originais do sertão, marcas estapafúrdias" (Cascudo, op.cit. verbete: Saruê. Baseado em Antônio Americano do Brasil, Cancioneiro de Trovas do Brasil Central, 1925).

- **Esquinado:** dança outrora popular no nordeste e sudeste do Brasil, desaparecida na primeira metade do século XX.

- **Mana chica:** quadrilha muito peculiar irradiada a partir do norte fluminense para o Espírito Santo e Minas Gerais. Sua origem é atribuída ao município de Campos onde desenvolveu outras variantes regionais: mana Joana e maricota. Há uma marcação como a da quadrilha mas um acompanhamento com palmas e por fim um intenso sapateado, quase um desafio. Recolhi em 1996 graças à gentileza de uma senhora octogenária de Barbacena/MG, Dona Josefina, uma interessante versão:

*Mana Chica, Mana Chica, (BIS)
Mana Chica, Mana Chica, (BIS)
Mana Chica do sertão,
Mana Chica de Goiás,
Mana Chica me chamou (BIS)
Ela montada em sua bêsta (BIS)*

*E pegou na minha mão!
Meu burrinho rinchando atrás.
Ai... Mana Chica! (BIS)
Aonde você vai?
Ela montada em sua bêsta, (BIS)
Meu burrinho rinchando atrás.*



Ainda outra quadra da mesma informante:

*Eu joguei o barco n'água
eu avistei o remador;
Quando o barco foi virando,
Mana Chica me chamou!*

- **Numerada:** tipo de quadrilha que se dançava em São João del-Rei com a particular característica dos dançantes irem aos poucos formando uma fila única, sob o comando do marcador, sempre se referindo a expressões ferroviárias: "locomotiva!" (o primeiro casal se perfilava), "vagão de carga" (outro casal aderiu à fila) – sempre em balancê – "vagão de passageiros", "guindaste", "trem pagador", "turma do lastro", etc. A cada marcação, novo casal se punha na mesma fila, acoplando novos vagões e em seguida partiam em ritmo fazendo uma marcha que simulava uma viagem de Maria-fumaça.

Desaparecidas as versões acima listadas sobreviveu porém aquela que teve de todas a maior capacidade adaptativa, a mais ampla aceitação popular: a quadrilha caipira, como é chamada no centro-sul do país ou quadrilha matuta, como se diz no nordeste.

Guardando consigo a matriz da quadrilha francesa, permitiu um sem-número de variações regionais com novas marcações bem ao gosto interiorano, ganhando um ar brejeiro. Nas cidades ganhou mais força que nas vilas, com nítida influência popularesca, de letrados que nela imprimiram novo formato de valorização das tradições nacionais, num folclorismo evidente.

Os trajes, os trejeitos, a contextualização busca então evocar tudo o que na cidade se julga camponês, caipira, matuto, caboclo, pois que, o homem da roça foi então configurado como um protótipo brasileiro. Há porém uma ambigüidade, posto que ao pé da letra há uma afetação, um exagero no representado, que caminha para a depreciação dos valores rurais, haja vista na zona rural as danças não transcorrerem como na cidade as representam. Não há roupas remendadas ou chapéus esfarrapados. Na roça quando vão para uma festa usam a melhor roupa. Ninguém então usa de trejeitos.

Mas detalhes à parte, estes aspectos já se incorporaram ao universo das quadrilhas.

É frequente a realização de um entreimeio dramático chamado "casamento caipira", um simulacro de cerimônia matrimonial muito sarcástica, picaresca. O casal surge em cena trazido numa carroça ou charrete, ou mesmo a pé. Um dos quadrilheiros aparece trajado de padre, um sacerdote trapalhão; outro faz o sogro, violento, bruto, armado; o noivo é gaiato e malandro, faz de tudo para embromar o pai da noiva. Vem trajado com um terno surrado, pouco elegante. Para completar a trupe a noiva, moça com vestido branco, véu e grinalda, maquiagem exagerada, fazendo-se ora de assanhada ora de tímida. O quarteto encena de improviso um casamento forçado, com muito improviso, humor e gaiatice. O pai não quer o casório, a noiva quer muito. O noivo tenta escapar e o padre não consegue celebrar. Por fim tem de fazer o casamento forçado pelo pai da noiva, sob ameaça de morte. Tudo acaba bem, embora na bagunça e a festa de casamento transcorre com a dança da quadrilha. Em Coronel Xavier Chaves/MG, na Vila Mendes, um grupo chamado "Arriaiá do Fundo" vem desempenhando uma quadrilha com o casamento caipira com uma extraordinária originalidade.

Aqui nos arredores de São João del-Rei vários grupos tem atividade relevante e podem ser vistos em várias áreas, merecendo destaque as festas com quadrilhas na Colônia do Marçal e nas Águas Santas. Nos anos 1970 se tornaram memoráveis os encontros de quadrilha que aconteciam no Largo Tamandaré, sob os auspícios do saudoso Sr. Djalma Assis.

Vinculadas aos festejos juninos e depois também julinos, as quadrilhas são presença certa nas festas de Santo Antônio, São João Batista e São Pedro, e por vezes sem santo algum, mas sempre no inverno, ao lado das fogueiras, dos enfeites de arcos de bambu, de bandeirinhas, balões multicores, fogos de artifícios – traques, busca-pés, bombinhas. Todo um complexo cultural se formou em torno delas e mesmo econômico, girando fortemente recursos humanos e financeiros onde elas alcançaram maior popularidade. Movimentam o turismo como vemos a imprensa noticiar no nordeste brasileiro. Fabricantes de roupas, vendedores de adereços e de comidas típicas, tocadores de sanfona, zabumba, etc., sonorizadores, gravadores de músicas, propagandistas e até coreógrafos e estilistas, encontraram nas quadrilhas um importante meio de renda. As quadrilhas estilizadas desenvolvem a cada ano temas próprios e absorvem novidades da cultura de massa, novos ritmos se sobrepondo aos forrós e arrasta-pés. Novos motivos estéticos para desenvolver os uniformes a cada ano: temas do cangaço, dos filmes de mocinho e bandido, de novelas televisivas, etc.

Assim vemos a moda country, o cowboy cinematográfico e até a contemporaneidade funkeira, e outros mais, dominar a quadrilha urbana, sobretudo dos grandes centros. A quadrilha estilizada conserva um público jovem e surge nas escolas, bairros, associações ao contrário das quadrilhas típicas ou tradicionais, mais propriamente comunitárias.

Um e outras porém são um exemplo extraordinário da capacidade adaptativa do folclore, o poder da popularização. A quadrilha francesa não existe mais por aqui, mas a brasileira continua inabalável.

Farricoco

FOLCLOREVERTENTES.BLOGSPOT.COM/DIVULGAÇÃO



O título desta postagem é o nome de um personagem grotesco das antigas procissões, vestido de forma esdrúxula, com cores berrantes e adereços macabros - foices, matracas, trombetas, archotes.

Também chamado "faricoco", "furrococo" e "fura-coco", e ainda, "gato da misericórdia", "maceiro da misericórdia" e "morte", conforme a localidade. A tradição dos farricocos a tivemos dos colonizadores ibéricos, usual que era em Portugal e Espanha. Foi conhecido em várias cidades antigas do Brasil, como parte da tradição religiosa colonial.

O papel curioso destes elementos era, segundo CASCUDO (s.d.), "(...) anunciar o desfile religioso ou defender a ordem das filas contra a intrusão de meninos e vadios sofriam ataques, pedradas, (etc.)".

Em Goiás (Velho) é tradição ainda viva os farricocos encapuzados em tétrico desfile pelas ruas com tochas clareando sinistramente a noite na Procissão do Fogaréu.

Houve o costume do farricoco em São João del-Rei, onde Saint-Hilaire o viu em 1819, na Procissão de Cinzas, trajado de roupa amarela justa ao corpo, sobre a qual estavam pintados os ossos de um esqueleto humano. Carregava uma foice, insígnia da morte, para melhor amedrontar os circunstantes. Está desaparecido desde longa data. GAIO SOBRINHO (2010), referenciando o jornal são-joanense Astro de Minas, do século XIX, edição de 01/03/1835, menciona as pesadas críticas às peculiares...

"*Procissões de Cinzas, dos Mártires, da Penitência e do Enterro*. Fala dos 'abusos, palhaçarias e indecências'. Trata dos farricocos como palhaços e rufiões. 'Já houve uma procissão dessas', diz, 'que ficou por muito tempo parada no meio da rua porque a Morte estava dentro de uma escada vomitando desordenadamente da grande borracheira que tomara. Ouvi dizer que há pouco tempo um Juiz de Paz quis trancafiar a Morte na cadeia. Se tal é, Deus lhe dê saúde'."

Tive oportunidade de ouvir algumas pessoas chamarem o mouro, personagem do congo do distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, de farricoco, miscigenando as duas personagens, por assimilação de funções.

Em São Tiago, informaram-me, que ainda a poucos anos (década de 1990) estava presente na Procissão do Enterro, vestido de roxo, encapuzado, tocando uma trombeta de tanto em tanto. Um registro seu naquela cidade vizinha é este excerto, de RESENDE (2008): "Furro-coco sopra em um instrumento estranho, a Samaritana percorre a procissão carregando ao ombro um pote de barro", anotou a insigne professora Ermínia em suas impressões daquela aprazível cidade.

Outra cidade vizinha, Conceição da Barra de Minas, ainda os mantém, figurando na Procissão do Enterro. Anotou o professor GAIO SOBRINHO (1990): "a curiosa figura do 'Farricoco', vestido à moda de um 'sambenito' medieval".

Depois de um período ausentes da Sexta-feira da Paixão, retornaram recentemente nessa cidade. No passado andavam com varas de marmeleiro (Cydonia oblonga, rosaceae) com que fustigavam crianças desordeiras e bêbados, que atrapalhavam a ordenação das fileiras (**). Agora, de seu retorno a Conceição da Barra de Minas, vem apenas com as matracas barulhentas, andando de dois em dois, céleres, no centro do cortejo, ora no seu sentido ora no inverso, cena pitoresca, provinciana, de rara beleza e evocação de autenticidade, matraqueando as duplas ao se cruzarem, na penumbra noturna das ruas de belo casario antigo.

Fica aqui um bom exemplo para outras cidades que o tiveram e perderam, que bem poderiam se esforçar para o retorno desta tradição. Perdido na distância temporal, fica assim lembrado mais um velho costume colonial do interior mineiro.

Ulisses Passarelli

Referências Bibliográficas

- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. 930p. Verbete: Faricoco.
 GAIO SOBRINHO, Antônio. Memórias de Conceição da Barra de Minas. Belo Horizonte: Imprensa Universitária / São João del-Rei: FUNREI, 1990. 253p.il. p.61.
 GAIO SOBRINHO, Antônio. São João del-Rei através de documentos. São João del-Rei: UFSJ, 2010. 260p. p.226-227.
 RESENDE, Ermínia de Carvalho Caputo. Acaso são estes os sítios formosos? Brasília: Estações: 2008. p.187.
 SAINT HILAIRE, Auguste de. Viagens às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.